

*Meu super-civilizado irmão:*

E' minha crença segura e forte que os doces românticos do século XIX largamente te são familiares. Convencido estou mesmo que já os declamaste numa noite de subtil brandura, olhando a lua cheia e branca a boiar toda serena no céu leitoso, muito macio. Estavas só no jardim, na benignidade daquela hora, entre a música dos raios e o perfume casto dos gerânios. Teu seio recolhia a doçura sem-par desse instante. Sentias-te outro, isorriste. Logo metes-te em ti, meditaste em mil coisas vagas: castelos roqueiros, virgens de bañada, lagos de água muito azul e lisa... De-repenite, incompreensivelmente, suspiraste. E foi então que alcançando olhos à lua, tu recitaste, numa voz toda repassada de lirismo, os suaves românticos do século XIX.

Pois, já que com tanto relêvo e amor guardas na lembrança os termos escrevinhadores de outrora, hás de recordar-te, ó meu meigo irmão, dos cuidados, das delicadezas que continuamente usavam ao levarem o pio leitor a casa estranha. Pédiam a mão a quem os lia, e todos paternais, falando com abundância, affiançavam que os donos do palácio—tu nunca compreendi bem as razões por que iam sempre às habitações luxuosas—davam licença, os deixariam entrar. Depois, mais polsavam o pé indiscreto no primeiro degrau, calavam-se—e mais silenciosos que sombras lá iam, de sala em sala, escutando às portas, levantando reposteiros, o gullu sábio, o contista romântico e mais o amigo de ocasião, o pio leitor.

Ora eu, que nunca fui um romântico e nada tenho de um delicado, sinto hoje em mim um empenho diabólico em seguir as pisadas desses cativantes novelistas. Quero dizer, debato-me na tentativa imperiosa, tanto mais louca quanto sei que é falha de senso, de pegar-te do braço leve e rumar-te onde fôr de meu alvedrio. Fora de dúvida, eu não faria isto se fôsse meu intento conduzir-te aos agros, às cristas duma eminência, a qualquer local livre e aberto a todas as curiosidades. De-certo o não faria. Para lugares tais avançaríamos naturalmente, lado a lado, como dois camilheiros que repousam na certeza sólida de que os carreiros de cabras, como as estradas de macadame, são domínio de todos, sem que propriamente sejam pertença de alguém.

Mas não, não é deliberação minha sujeitar teus pés mímosos ao trilho duro das veredas. Incontestavelmente o cenário augusto das cerrarias, amontoadas a êsmo por léguas e léguas; o pinchar cantante das águas de seixo em seixo, pelos córregos fundos; o indefinido sussurro dos pinhais que lembram claustros onde monjas psalmodiassem estranhos cânticos; e lá em baixo as várzeas, estiradas e verdes, vallam bem os custos da caminhada. Entretanto o sol escalda, o ar abafa os peitos, e tu, que por natureza és egoísta e fraco, voltar-te-las só para ti, arrependido e lastimoso, e nada verias, nada compreenderias. Dessa forma passarias ao longo dos campos sonoros, e o estupendo martirio dos que ali, a dois passos dos teus lamentos, arquejavam em titânicos esforços a revolver a terra, a sulcá-la, a rasgá-la, para mais tarde a fazerem reflorir em vida—a tua vida calma e doce e a vida deles, tão triste e amarga—não encontraria um eco

em teu seio, não despertaria uma interrogação em teu espírito, nem uma dúvida te saltaria. Teus propósitos seriam retroceder, procurar uma sombra longe das soalheiras que mordem nas carnes mais bravias que vespais, e tombares, estirares deliciado os membros lassos, numa quietude sem pensamentos, nem ruídos.

Mas precisamente por isso, esta suposição não me agrada, compreendes bem. Quando ali fomos irei deleitado com a certeza de que levarás inteligência e olhos abertos para tudo—para a paisagem magestosa na sua tranquilidade rude e para os homens, os nossos irmãos, escravos e heróis, senes humildos que ninguém conhece.

Dá-me portanto o teu braço amigo, confia em mim como confiaras num dos teus romancistas pretéritos, e vamos lentamente, sem receio do bravo sol, pela aldeia silenciosa e negra—e confessa, embora isso te pese que o meu tom amável bem pode requerer meças ao tom melguiceiro com que nos seus livros plácidos, os teus queridos mortos é de hábito tangariarem simpáticas.

Subamós as escaleiras, granito duro da serra, comidas aqui, no meio, pelos tamancos ferrados de dez gerações de cavadores. Vais olhando, meu camarada observador e atento? Neste mainel—repara—costuma o inquilino cá da choupana, por sinal um rapagão mais desempenado que um eucalipto, sentar-se nas noites estiais à espera que a companheira, uma franzineta e oherenta, lave a louça para irem à deita.

Mas entremos. Em casa não há ninguém, fica sabendo. O homem—será necessário dizer-to?—anda na lida áspera, lá para baixo, nas veigas; a mulher lava uns farrapos no rio, sob os amieiros, ali em frente. Entretanto, como os moradores do casebre não possuem alfafa que valha apenas roubar e o dinheiro andara caro, a porta está só com o cravelho, talvez só cerrada. E em todo o povo—tirante os que têm de seu, uma meia dúzia escassa—se nota o mesmo. Esta ausência de medo aos ladrões é uma vantagem que os pobres levam aos ricos. Mas, além desta, eu não lhes conheço outra.

O pardieiro—mira com atenção, remexe e vira tudo do avesso, se indiscreto até ao absurdo—não é mais que isto que vês: uma sala acanhada, do outro lado da talpa um quarto mais exiguo ainda, à direita a cozinha com a sua pilheira cheia de cinza, o seu canto para a lenha, dois banquinhos de pinho que as fumaradas ennegreceram, meia dúzia de malgas debôrcio na prateleira, as painelas de ferro com as suas asas a nascerem do bôjo. Temos ainda aquela mesa alastrada de nódoas, e os trapos amontoados aos cantos. A cama, não sei se já notaste, é dura como as eiras onde se malham os trigos, lençóis não existem, as mantas fedem a suores acumulados; e, de-certo porque não há janelas e o ar se renova com dificuldade, paira neste ambiente um cheiro a bafio que provoca um mal-estar vago, mas que nos oprime e causa tonturas. Depois, também, o teto é de tal forma baixo que, sem querermos, nos toma a sensação horrível de estarmos soterrados num pôco, bem nas entranhas da terra, perdidos irremediavelmente para a luz e para as perspectivas largas, para o belo sol doirado, para a Vida... E isto é medonho, nem calculas. Sobretudo nas noites de agosto, com o ar pesado e os grandes silêncios lá fora, a opressão faz latejar as tēmporas, arfar o peito. Então deseja-se com veemência algo de indefinido, talvez a morte; algo que seja um alívio, uma libertação.

(Continua na página 6)